Programa da Noite

Este ano o Sarau trará dois espetáculos na mesma noite, ambos com 35 minutos. O espetáculo de teatro "Nelson Rodrigues em 3 atos" é composto de três textos : "CARTAS DE AMOR", "A INFIDELIDADE", e "VALSA N°6". Já o espetáculo de dança "AS MULHERES DE NELSON" faz uma leitura psicológica das personagens femininas de um dos maiores dramaturgos brasileiros.

1. **Hall de entrada** – Os Jornaleiros
2. **Entrada do público** com a apresentação musical do Grupo de Chorinho da SPACC – Sociedade Paraibana de Canto Coral - formado por: Inaldo Amaral – Guitarra, Cavaquinho; Gabriel Araújo – Baixo; Roberto Carlos da Silva – Guitarra; Almi Cavalcanti – Piano; Valderlândio Leite – Sax; Jairo Cavalcanti – Bateria
3. **Introdução:** Carolina Peixoto e Alessio Toni
4. **Depoimentos de alunas convidadas:** Luisa Martins, Thereza Loureiro e Mariana Nunes
5. **Apresentação do espetáculo de teatro:** Ana Beatriz Pachu, Adeilde Costa e Charles Azevedo

"Nelson Rodrigues em 3 atos"

1º Ato: Cartas de amor
2º Ato: A infidelidade
3º Ato: Valsa nº 6

6. **Apresentação do *Making of* do espetáculo:** Carolina Peixoto e Alessio Toni.
7. **Apresentação do espetáculo de dança:** Matilde Barboza e Danilo Saraiva.

"As Mulheres de Nelson"

8. **Considerações finais e agradecimentos:** Claudia Balthar Palatnik
9. **Área externa:** Lançamento do Portfólio com os professores Jussiana Ferreira e Josafá Pereira com coquetel temático e exibição de curtas.

Ficha Técnica

Direção geral: Edigar Palmeira e Rodrigo Paes
Adaptação dos textos e coreografia: Edigar Palmeira e Rodrigo Paes
Desenho de luz: Jorge Luis
Cenografia: Jarrier Alves
Figurinos: Fábio Rodrigues e Linda Palmeira
Sonoplastia: Kevin Duarte
Técnico de som: Júnior
Fotografia e vídeo: Nara de Ferrer, Maria Alencar e Luis Eduardo Andrade
Estagiária de fotografia: Ana Carolina Dieter

Elenco teatro:
Bruna Neves
Eduardo Rocha Filho
Fernando Soares
Kawane Medeiros
Lucas Meireles
Marina Costa
Nathália Nery
Pedro Rafael Pontes Neto
Sabrina Travassos

Elenco dança:
Amanda César
Amanda Souza
Biah Grisi
Duda Carvalho
Edigar Palmeira
Elisa Montenegro
Giovanna Mª Braga
Karina Villarin
Milena Queiroga
Rodrigo Paes
Victor Morais

Elenco Jornaleiros:
Gustavo Bongiovi
Mª Eduarda Nogueira
Maria Luiza Ferrer
Nicole Andrade
Paloma Villaroel
Yasmin de Méro

Elenco Recepção Casais:
Camilla Cilbene e Daniel Lira
Mª Letícia Veiga e David W. Celani

Produção de palco: Bruna Madruga, Clarice Mendonça, Thereza Marinho e Manuella Almeida
Produção executiva: Claudia Balthar Palatnik
Coprodução: Ana Beatriz Pachu, Adeilde Costa e Charles Azevedo
Mestres de Cerimônia: Ana Beatriz Pachu, Adeilde Costa e Charles Azevedo
Aléssio Toni, Carolina Peixoto, Matilde Barboza e Danilo Araujo Saraiva
Alunos convidados: Luisa Martins, Mariana Nunes e Thereza Loureiro

Apoio Cultural

O Colégio e Curso Evolução agradece às empresas que entenderam a amplitude deste projeto cultural e gentilmente contribuiram para que ele se tornasse uma realidade:
• Armazém Paraiba • Circus • Editora Ática / Scipione • Editora FTD • Editora Saraiva / Atual • Editora SM • Execut • Gráfica JB • Nordife • Paço dos Leões / Tia Nila • Zipoo

Espaço reservado para Gráfica JB

Colégio e Curso EVOLUÇÃO
A sua conexão com a Universidade

Expediente Jornal

Coordenação geral:
Claudia B. Palatnik

Colaboradores:
Claudia B. Palatnik, Edigar Palmeira, Humberto Malheiros, Rodrigo Paes

Ilustração:
William Medeiros

Fotografia:
Nara de Ferrer, Maria Alencar, Luis Eduardo Andrade, Ana Carolina Dieter

Revisão:
Ana Beatriz Pachu, Claudia B. Palatnik

Layout e Diagramação:
David Palatnik

Impressão:
Gráfica JB

JORNAL
CRÍTICA

EXTRA! O polêmico Nelson Rodrigues de uma forma que você nunca viu!

Em comemoração ao centenário de nascimento de Nelson Rodrigues • João Pessoa, outubro de 2012

O Universo de Nelson Rodrigues

Por Rodrigo Paes

A construção d'O Universo de Nelson Rodrigues significa a materialização de um desejo particular em romper com as barreiras existentes entre ficção e realidade e por conseguinte, estender-se ao âmbito escolar de maneira delicada, quase imperceptível à verdade que se manifesta na própria obra de Nelson. Desafio? Sem dúvida. Mas uma experiência registrada no corpo, construída em partilhas, perspicácia e principalmente, sensibilidade. Tanto "Nelson Rodrigues em 3 Atos" quanto "As Mulheres de Nelson" representam a força da arte em comunhão com a realidade. Elas sucumbem à limpeza cênica, ao minimalismo e à retórica das relações amorosas. Optar em recorrer ao teatro de Bertold Brecht é na verdade romper com padrões pragmáticos instituídos no teatro clássico, o que justifica a verdade translúcida da dramaturgia rodrigueana, materializada no corpo e na mente dos alunos. Dolores Duran, Noel Rosa e Chopin compõem a fidelidade quanto às referências histórico-culturais. Elas dinamizam e inferem as emoções na trama, de modo a acompanhar a fidelização na composição do espetáculo.

100 vezes Nelson

Por Humberto Malheiros

A vida de Nelson Rodrigues não daria uma peça de teatro, muito menos um filme. Não que sua história não seja interessante, muito pelo contrário. Sua vida e obra, talvez, só coubessem, com muito aperto, em um folhetim. Um longo folhetim, tal qual *Asfalto Selvagem*, que em 112 capítulos narrou a história de Engraçadinha, a personagem mais erótica da dramaturgia brasileira, cria, é claro, da mente privilegiada de Nelson.

Em 23 de agosto de 1912, na cidade do Recife, nascia Nelson Rodrigues, o quinto filho de D. Maria Esther e Mario Rodrigues. Em 1916 os Rodrigues mudaram-se para o Rio de Janeiro e foram viver na Rua Alegre, Aldeia Campista onde os aluguéis eram mais baratos. Era uma vizinhança homogênea, repleta de patuscas, fofoqueiras, tísicos, viúvas e adúlteras, uns com mais outros com menos virtudes, que, sem dúvida, exerceriam influência definitiva na obra futura do garoto Nelson.

A infância de Nelson Rodrigues transcorreu sem grandes feitos, pois era um menino taciturno que desde cedo já manifestara o desejo de ir à escola e o gosto pelas letras. Foi nessa época, quando contava oito anos, que realizou-se um concurso de redação em sua classe. O tema era livre e Nelson surpreendeu sua professora com uma história de adultério, onde o marido traído flagrava a mulher adúltera, assassinava-a a facadas e pedia-lhe perdão em seguida.

Iniciou-se no jornalismo, atividade que exerceu durante toda a vida, em jornal de propriedade de seu pai, nos anos 20, jornal esse que viria a ser destruído pelos vitoriosos na revolução de 1930, impondo aos Rodrigues anos de fome e privações, que custaram a Nelson duas temporadas em sanatórios para tratamento de tuberculose.

O teatro surgiu para ele em 1941, quando escreveu *A mulher sem pecado*, encenada em 1942, mas que não arrancou grandes reações do público, apesar de tratar de uma história de adultério. As peças que Nelson escreveu em seguida, *Vestido de Noiva*, *Álbum de Família*, *Anjo Negro* e *Senhora dos Afogados* transformaram-no em um talento eminente de nossa dramaturgia. Em 1951, ao escrever no jornal Última Hora a coluna *A vida como ela é*..., Nelson abordou histórias do cotidiano, quase sempre sobre adultério, que incendiaram o Rio de Janeiro dos anos 50, fazendo com que o autor ganhasse injustamente a fama maldita de tarado que o acompanhou por muitos anos.

No teatro, na década de 50, escreveu e encenou peças de sucesso como *A Falecida*, *Perdoa-me por me traíres*, *Viúva, porém honesta*, *Os sete gatinhos* e *Boca de ouro*.

Outro retumbante sucesso de Nelson Rodrigues foi o folhetim *Asfalto Selvagem* que contava em duas longas partes a história de Engraçadinha, "o personagem mais erótico da literatura brasileira, linda e amoral, como um bichinho de avenca", como bem definiu seu biógrafo, Ruy Castro.

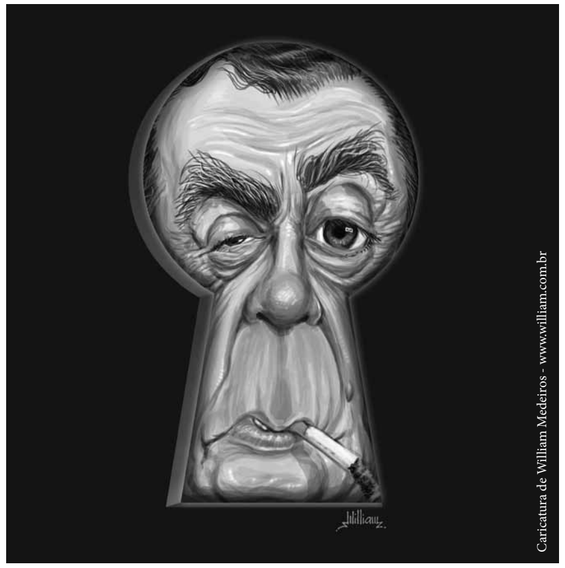
A partir dos anos 60, sua produção teatral foi bastante reduzida, tendo alternado suas atividades entre as colunas diárias que escrevia, o jornalismo esportivo, outra de suas paixões, ao assinar colunas sobre futebol, e a participação em programas de televisão, tendo inclusive protagonizado uma espécie rudimentar de talk show chamado *A cabra vadia*.

Dessa época destacam-se as peças *Bonitinha, mas ordinária*, *Toda nudez será castigada* e *A serpente*, seu último trabalho, datado de 1978.

Nelson ainda abraçaria, nos anos 70, a causa da campanha que denunciou a tortura no Brasil, tendo inclusive dado diversos depoimentos sobre o caso de seu filho, Nelsinho, que fora torturado nos porões da ditadura.

Nelson Rodrigues foi um homem que sempre viveu em um estado permanente de paixão, em todos os sentidos. Era obcecado por retratar situações cotidianas e dar uma característica própria ao teatro nacional, até então tão copiado das companhias estrangeiras.

Morreu em 21 de dezembro de 1980, de insuficiência cardíaca, respiratória e circulatória, aos 68 anos. Morreu por volta das 8h, um domingo, e à tarde ele faria 13 pontos na loteria esportiva. Morreu pouco antes de realizar o sonho de tornar-se milionário. Realmente, a vida é como ela é...



Caricatura de William Medeiros - www.william.com.br

Polêmica como princípio

Por Claudia Balthar Palatnik a partir de pesquisa no site www.itaucultural.org.br/ocupacao

Nelson Rodrigues construiu para si próprio um mito. Desde muito cedo sentiu-se estigmatizado, isolado dentro da compreensão mítica que tinha da vida.
Ao longo de sua vida Nelson colecionou frases e histórias que ajudaram a construir essa persona polêmica, maldita, que denunciava como era pequena, mesquinha e hipócrita a sociedade de seu tempo. Ele optou por ser livre e poder opinar com a sua consciência, o que lhe rendeu muitas vezes uma grande solidão intelectual.

Nelson Rodrigues consegue expressar de forma artística singularíssima a vivência e a compreensão de inúmeras tragédias pessoais que vão acontecendo ao seu redor. Destila de forma irônica e até mesmo debochada todas essas experiências através de seus textos, dando-lhes um caráter de eternidade, um caráter simbólico de aprendizado que ele empresta à sua obra e à sua vida.

Essa visão mítica ele transfere também para o futebol, uma grande paixão. Suas crônicas esportivas demonstram isso, não falam propriamente sobre estratégia de futebol. Seus temas são de conteúdo e compreensão simbólica quando diz, por exemplo, que a seleção canarinho, o escrete brasileiro, não é um grupamento qualquer de jogadores, quem embarca é a própria pátria em chuteiras indo conquistar o orgulho nacional. Ou ainda, quando, ao falar do mito "FLA x FLU", criado por ele e pelo irmão Mario Filho, que deu nome ao estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro, costumava fazer referências ao clássico dizendo que o mesmo havia começado cinco minutos antes do nada. Antes mesmo de Deus pensar em criar o mundo, já havia um conflito, uma tensão chamada Flamengo e Fluminense.

Conta o diretor Marco Antônio Braz, que já montou nove peças do autor e é grande estudioso de sua vida e obra, que quando Nelson montou a peça *Mulher Sem Pecado*, se frustrou. A encenação não teve o efeito que ele esperava sobre o público. No caminho de volta para casa ele já foi imaginando o conceito do teatro desagradável, e daí toda a estética da peça *Vestido de Noiva* vai sendo elaborada em função desta relação, da frustração desta relação. Ele conclui que o teatro não pode ser bombom com licor, o público do teatro não pode ser um bando de senhoras gordas, patuscas, comedoras de pipoca. Tudo isso denota radicalismo e humor da parte dele. Como estética, a grandeza real de sua obra está na estrutura, nos diálogos, na maneira como constrói os seus personagens, como os defende e os justifica. Nelson Rodrigues tinha noção da sua própria grandeza, brigava por isso, sabia que o seu teatro era muito especial, que inseria o teatro brasileiro dentro do teatro universal.

Pitanga Brava: origens mistas, Pernambuco e Rio de Janeiro

Por Claudia Balthar Palatnik a partir de pesquisa no site www.itaucultural.org.br/ocupacao

Ao se buscar suas origens, percebe-se que a família Rodrigues, na qual nasceu Nelson, era formada em sua maioria por intelectuais e artistas. Parte dela permaneceu em Recife e parte migrou para o Rio de Janeiro. Eram muito unidos, estavam sempre juntos o que os ajudou a suportar todas as tragédias que viriam no futuro, como a trágica morte de Roberto Rodrigues, seu irmão, pintor, desenhista, caricaturista, ilustrador do jornal de seu pai, "Crítica", que foi assassinado na redação desse jornal, por causa da cobertura dada a um desquite, fato este que era malvisto pela sociedade de então.

Nelson nasceu no Recife, em 1912. Seu pai, Mário Leite Rodrigues, foi um jornalista combativo formado pela Escola de Direito do Recife – famosa por ser, desde sua criação, centro de debates ferrenhos sobre os caminhos para o futuro do país. Mário era jornalista experiente quando chegou ao Rio de Janeiro. De 1900 a 1916 havia trabalhado em 13 veículos no Recife, tendo começado a militância muito cedo, aos 15 anos. Revolucionou a forma e o conteúdo do jornal O Recife quando foi seu chefe de redação. Recife era, no início do século XX, a capital mais importante do Nordeste. O espírito arguto e irreverente da cidade produziu intelectuais de peso como Gilberto Freyre, Manoel Bandeira e, entre muitos outros, a família Rodrigues. Vivia-se uma efervescência política e cultural que vinha desde a colônia. Essa efervescência – não obstante o poder e as lutas dos coronéis – certamente influenciava aqueles que viviam por sua conta, como os Rodrigues. Essa família, da qual descende Nelson, parece ter sido eminentemente urbana em suas ocupações, aparentemente sem vínculos estreitos com o mundo rural pernambucano.

Os que foram de Pernambuco para o Rio de Janeiro – Nelson aí incluído – se envolveram com jornalismo, teatro e cinema. Seu pai, Mário Leite Rodrigues, jornalista experiente em Recife, foi para o Rio de Janeiro e no início trabalhou no "Correio da Manhã" onde chegou ao cargo de diretor. Fundou os jornais "A Manhã" e "Crítica", publicações com alcance de público, inovação gráfica e poder político. Sendo uma figura obsessiva em sua vida, é difícil avaliar a influência do ambiente familiar sobre Nelson.

Nelson nunca foi carioca

O arquiteto José Luís da Mota Menezes, especialista na história urbana recifense, conviveu com os Rodrigues que ficaram em Recife, principalmente, Fernando, Abelardo e Francisco, tios de Nelson, todos envolvidos com produção artística. Afirma com toda convicção que Nelson nunca foi carioca. Segundo ele, Nelson foi pernambucano toda a vida. Relembra que sua forma de ser, sua maneira de escrever, a forma de agir, de ver o mundo, não são a do Rio de Janeiro, afirma enfaticamente. "A forma de torcer de Nelson não é do Flamengo, é do Sport, que mata e come. Agora mesmo" - diz ele, "a torcida pernambucana foi proibida de sair". Sobre como Nelson via o mundo pergunta: "será que o mundo de Nelson, daquelas figuras literárias, das meninas, são figuras cariocas?" E relembra: "*Sete gatinhos* é um drama daqui. Recentemente li no jornal, o indivíduo estava matando mulheres para comer. Isso é coisa do Rio de Janeiro?" - pergunta ele. "O Rio de Janeiro é de Machado de Assis, de Lima Barreto. Eu não vejo o Rio de Janeiro sob esse prisma. São escritores que não sentem o cheiro de sangue, que não têm a tragédia na cabeça, como os daqui". Nestes termos a cultura pernambucana, a política pernambucana, têm essa dupla face. A dupla face do teatro: de um lado a raiva do outro a alegria. Tudo isso, segundo José Luís, pesa na cabeça do escritor, tudo isso pesa na cabeça do teatrólogo. E conclui dizendo: "a obra de Nelson, a que eu li, a que eu vi e a qual assisti, no teatro e no cinema, pode até tratar do drama carioca, mas a forma como ele dá ênfase ao drama não é carioca, é pernambucana."

Nelson e o Rio

Eduardo Tolentino, diretor e criador do grupo Tapa que já encenou três peças de Nelson Rodrigues, acredita que Nelson, apesar de ser tratado como autor de costumes, considerado por muitos como da tradição da comédia de costumes por fazer citações em sua obra a lugares tipicamente cariocas como o Maracanã e a Confeitaria Colombo, não vê nisso uma das características mais marcantes da obra do autor. Acredita sim, que Nelson é um homem do subúrbio carioca, um homem que lê o subúrbio carioca como ninguém. "Na verdade", diz Eduardo, "Nelson coloca esse subúrbio afável, de gente simples, com cadeira na calçada, do seu lado reverso. Essa gente afável, essa gente solidária, só é solidária no câncer. Essa é a grande questão do Nelson. Ele mergulha não no estereótipo do carioca. O que mais se aproxima disso talvez seja a obra *Boca de Ouro*. Mas o *Boca de Ouro* é desmontado o tempo inteiro na dramaturgia por três versões diferentes, é muito mais mítico do que real" - diz ele. Essa profunda influência do que o subúrbio carioca representa na obra rodriguiana, não só dramatúrgica como também na coluna *A vida como ela é*, acredita ser fundamental. Relembra o Rio de Janeiro da época de Nelson, antes do milagre brasileiro, um Rio de Janeiro que talvez as novas gerações não conheçam. Um Rio muito diferente do que é hoje. Uma cidade não global, ainda com um certo complexo afrancesado, mais despojado, ainda com nostalgia de capital federal, nostalgia do jogo. "O Nelson mergulha profundamente nessa localização", acredita Eduardo, e finaliza dizendo: "É impossível pensar no Nelson sem pensar no Rio de Janeiro".